



RACISMO, BULLYING E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS EM ESCOLA MUNICIPAL DO INTERIOR DA BAHIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

RACISM, BULLYING AND IMPACTS ON THE MENTAL HEALTH OF CHILDREN IN A MUNICIPAL SCHOOL IN THE INTERIOR OF BAHIA

  Tainan Oliveira de Carvalho, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil.

  Acauana Roberta de Almeida Santos, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil.

  Gustavo Oliveira Santos, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil.

  Cristiane Regis de Oliveira, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil.

  Chirlene Oliveira de Jesus Pereira, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil.

RACISMO, BULLYING E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS EM ESCOLA MUNICIPAL DO INTERIOR DA BAHIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

RACISM, BULLYING AND IMPACTS ON THE MENTAL HEALTH OF CHILDREN IN A MUNICIPAL SCHOOL IN THE INTERIOR OF BAHIA

Tainan Oliveira de Carvalho¹

Acauana Roberta de Almeida Santos²

Gustavo Oliveira Santos³

Cristiane Regis de Oliveira⁴

Chirlene Oliveira de Jesus Pereira⁵

Resumo: As práticas escolares, sobretudo em espaços periféricos e interioranos, tornam-se palco de tensionamentos sociais que reproduzem as desigualdades raciais e de classe. Segundo Gonzalez (1984), o racismo pode ser entendido como uma neurose cultural brasileira, sustentada pela ideologia do branqueamento e disseminada em diversos ambientes. O racismo estrutural pode reproduzir muitas iniquidades e tem um impacto considerável na vida das pessoas que o vivenciam. O presente trabalho tem como objetivo discutir como o racismo e o bullying impactam na saúde mental de crianças negras por meio de um relato de experiência de estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a partir de uma vivência na escola municipal Professora Maria Bernadete Borges Pinheiro, no município do Dom Macedo Costa - Bahia. A partir da experiência prática foi possível perceber diversos sinais do racismo estrutural no cotidiano das crianças que participaram da ação, desde a exclusão entre colegas à ofensas explícitas. Diante do exposto pelos relatos foi possível perceber que o racismo tem um impacto na vida dessas crianças e em sua saúde mental, diante disso nota-se a necessidade da escola atuar como agente de promoção à inclusão e acolhimento reforçando ideais éticos, de respeito e igualdade.

Palavras-chave: Racismo; Bullying; Saúde Mental; Psicologia Decolonial; Relato de Experiência.

Abstract: School practices, especially in peripheral and rural areas, become the scene of social tensions that reproduce racial and class inequalities. According to Gonzalez (1984), racism can be understood as a Brazilian cultural neurosis, sustained by the ideology of whitening and disseminated in various environments. Structural racism can reproduce many inequities and has a considerable impact on the lives of those who experience it. This paper aims to discuss how racism and bullying impact the mental health of black children through an experience report of students from the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, based on an experience at the municipal school Professora Maria Bernadete Borges Pinheiro, in the municipality of Dom Macedo Costa - Bahia. Based on practical experience, it was possible to perceive several signs of structural racism in the daily lives of the children who participated in the action, from exclusion among peers to explicit insults. Given the above, it was possible to see that racism has an impact on the lives of these children and their mental health. Therefore, it is clear that schools need to act as agents promoting inclusion and acceptance, reinforcing ethical ideals of respect and equality.

Keywords: Health. Racism; Bullying, Mental Health; Decolonial Psychology; Experience Report.

¹ Graduanda do curso de psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: tainanrb33@gmail.com

² Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: cauanarobertaconsultora@gmail.com

³ Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: gugasantos1598@gmail.com

⁴ Graduanda do curso de psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: cristianeregis@aluno.ufrb.edu.br

⁵ Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: chirlenepereira@ufrb.edu.br

INTRODUÇÃO

As práticas escolares, sobretudo em espaços periféricos e interioranos, tornam-se palco de tensionamentos sociais que reproduzem as desigualdades raciais e de classe. Lélia Gonzalez (1984) evidencia como os estereótipos raciais historicamente construídos determinam posições sociais: o menino negro é visto como "pivete" ou "trombadinha", e a mulher negra, como naturalmente servil. Tais representações se cristalizam no cotidiano escolar, onde crianças negras experimentam uma constante vigilância, punição e invalidação simbólica de suas subjetividades, o que impacta diretamente sua saúde mental. Este processo é atravessado por um sistema de valores que associa cor, classe e gênero à capacidade de pertencimento e sucesso, reforçando a ideologia meritocrática que nega o racismo (Gonzalez, 1984).

Essa lógica é sustentada pelo mito da democracia racial, que mascara o racismo estrutural ao apresentar a miscigenação como símbolo de igualdade, quando na verdade ela produz uma hierarquia racial e simbólica. Essa construção social se manifesta no espaço escolar por meio do bullying racial, da exclusão afetiva, do silenciamento e da negação de pertencimento. A criança negra passa a ser coisificada (Gonzalez, 1984), deixando de ser vista como sujeito de direitos e tornando-se alvo da necropolítica, na qual sua dor, sofrimento ou morte psíquica se tornam toleráveis ou invisibilizadas (Gonzalez, 1984; Foucault, 2011; Fernandes *apud* Lima, 2017; Mbembe, 2018).

A partir da análise de Fanon (2008), compreende-se que a criança negra internaliza o olhar colonizador que a inferioriza, sendo levada a usar o branco como parâmetro de valor, beleza e inteligência. A escola, ao desconsiderar as especificidades raciais e culturais dessas crianças, reforça a violência epistêmica e emocional que as atravessa desde a infância, perpetuando um ideal embranquecido de sucesso e aceitação. Nesse processo, o sujeito negro é desumanizado e impedido de exercer plenamente sua cidadania (Fanon, 2008).

No campo da Psicologia, embora haja esforços para contribuir com os processos de inclusão social, observa-se ainda uma abordagem individualizante que tende a responsabilizar o sujeito pelos efeitos de estruturas sociais excludentes. O preconceito e a discriminação racial são baseados em generalizações rígidas e infundadas que operam afetivamente na constituição das relações sociais. Esses processos ganham forma nas

práticas escolares, onde estereótipos raciais e de classe sustentam as relações de poder, disciplinamento e exclusão (Allport, 1954; Camino; Ismael, 2012).

O racismo estrutural reproduz iniquidades em saúde e está presente tanto nos serviços quanto nas instituições de ensino superior. O conceito de interseccionalidade permite compreender como identidades sociais como raça, gênero e classe se entrecruzam, gerando formas singulares de discriminação (Crenshaw, 2002).

Visto a escassez de relatos de intervenções psicoeducativas sobre racismo infantil em escolas se faz necessário a discussão do tema bem como ações que promovam o debate e fomentem a elaboração dessas ações. Ao destacar a ausência dos estudos sobre a temática, o artigo contribui para o debate acadêmico e social, propondo reflexões sobre a importância de estratégias psicoeducativas que promovam a equidade racial.

Objetivo: discutir como o racismo e o bullying impactam na saúde mental e na compreensão do mundo e relações de crianças, a partir da experiência em uma atividade de extensão em um colégio municipal no Recôncavo da Bahia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é um relato de experiência de quatro estudantes do bacharelado interdisciplinar em saúde com terminalidade em psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) a partir de uma vivência na escola municipal em município situado no recôncavo baiano. A atividade de extensão foi promovida por ligantes e membros convidados da Liga de Psicologia Clínica (LAPSCLIN) com alunos do GII ao 5º ano, totalizando aproximadamente 91 estudantes do ensino fundamental entre 7 e 9 anos e ocorreu no dia 11 de novembro de 2024. Para o rastreio e identificação da abordagem mais assertiva e adequada ao público, foi realizada uma reunião com a coordenação pedagógica e com alguns integrantes da diretoria da liga para delineamento do tema e possíveis propostas interventivas. Dessa forma, a temática principal foi “Bullying e Racismo: quem sou nesse universo” e as discussões giraram em torno da diferenciação e simbolismos dos conceitos de bullying e racismo.

Sob essa lógica, foram desenvolvidas metodologias ativas e participativas de forma transversalizada e dialogada com as crianças, com atividades pensadas de forma adaptada à faixa etária e especificidades dos alunos de cada turma, onde fosse possível a interação

e ludicidade durante o desenvolvimento das atividades, incluindo todos. Foram planejadas uma sequência programática seguida da seguinte cadência: Dinâmica de apresentação, atividade de quebra-gelo, momento de construção da temática e finalização, com a distribuição de lápis coloridos, folhas de papel, fantoche, hidrocor e bexigas, incluindo propostas com movimentações corporais como brincadeira do morto-vivo dentro de uma perspectiva reflexiva sobre a exclusão e saída de seus pares da dinâmica. Ademais, imagens ilustrativas de situações de racismo e bullying, bem como trechos de peças teatrais foram reproduzidos no momento de discussão.

RESULTADOS

A experiência prática no ambiente escolar revelou que, em diversas dinâmicas, a participação de crianças negras era frequentemente preterida pelos colegas. Era visível essa discriminação em momentos de divisão de turmas, quando as crianças brancas invariavelmente não convidavam os colegas negros para seus grupos. Essas situações revelam uma separação discreta, mas contínua, no dia a dia da escola, confirmando estudos que apresentam o racismo estrutural como um modelo que organiza e classifica as interações sociais, normalizando atos de rejeição e opressão, como destaca Crenshaw (2002).

Outro detalhe notado foi a disposição dos lugares na sala que espelhava e, ao mesmo tempo, intensificava separações raciais. As crianças negras, sobretudo as de pele retinta, geralmente ficavam no fundo ou nas extremidades da sala, enquanto os alunos brancos ou de pele clara sentavam nas cadeiras ao centro ou perto dos professores. Essa organização, mesmo sem ser planejada, mostra ações de segregação que aceitam tacitamente as preferências raciais no ambiente escolar. Nesse cenário, o bullying racial aparece como um prolongamento dessa separação física, manifestando-se por meio de apelidos ofensivos, brincadeiras maldosas e comportamentos agressivos contra as crianças negras que, afastadas fisicamente, ficam mais sujeitas à agressão moral e verbal. Nessa circunstância, a marginalização no espaço físico e o bullying, revelam um ciclo de opressão interligado, que, como argumenta Gonzalez (1984), não apenas reforça a posição historicamente subordinada da população negra nos ambientes institucionais, mas também impacta profundamente o desenvolvimento emocional e social dessas crianças.

Em outra dinâmica, as(os) meninas(os), ao selecionarem imagens para a produção de cartazes, evitavam escolher figuras de crianças negras, muitas vezes justificando essa escolha com a alegação de que “a imagem era ruim”. Tal conduta explicita tanto a existência de estereótipos racistas já incorporados no cotidiano escolar, como a assimilação destas imagens. Conforme salientam Allport (1954) e Camino e Ismael (2012), tais representações são criações sociais que fazem com que pessoas negras sejam vistas desde cedo de forma generalizada e desumanizada. Essas posturas, aliadas à reincidência de momentos de rejeição e menosprezo, não só influenciam a visão que crianças brancas desenvolvem sobre colegas negros, mas afetam de maneira significativa a forma como as crianças negras se veem. Esse processo, como analisa Fanon (2008), reflete os profundos efeitos psíquicos do racismo, que fragmenta a subjetividade e compromete a saúde mental das populações negras desde a infância, naturalizando a exclusão como parte da vivência escolar.

A recorrente associação de crianças negras a comportamentos considerados desviantes evidencia não apenas um olhar atravessado por estigmas raciais, mas também um processo que legitima práticas de segregação institucional e reforça a marginalização desses sujeitos no ambiente escolar. Essa dinâmica corrobora a análise de Caponi (2018), que aponta que o diagnóstico de “desvio” muitas vezes não se baseia em critérios objetivos clínicos, mas sim em percepções invejadas por marcadores raciais. As consequências desse olhar estigmatizado se manifestam de forma ainda mais explícita no processo de medicalização escolar. Era comum que, quando as crianças não seguiam as regras da escola, as professoras solicitassem diagnósticos, especialmente para as crianças negras. Isso mostra o que Caponi (2018) já havia dito: a medicalização das crianças ignora os aspectos sociais, culturais e de raça do problema, transformando a desigualdade em algo individual e escondendo-o sob a ideia de doença.

Em uma sala majoritariamente negra foi possível perceber através das dinâmicas e metodologias adotadas que as crianças obtinham uma consciência sobre os preconceitos sofridos, havendo relatos de situações de racismo no ambiente escolar, assim como em outros ambientes. Segundo os autores Oliveira *et al.* (2021) essas situações de racismo têm impacto direto na autopercepção das crianças, além de haver uma diferenciação no preconceito racial destinado ao sexo biológico, feminino e masculino, no qual o racismo

direcionado às meninas estaria mais direcionado a aparência física, o que pode afetar como ela se percebe e diretamente sua autoestima. Essa relação foi perceptível nos relatos apresentados pelas crianças, no qual foram expostas situações onde houve ataque direto a questões relacionadas ao cabelo, traços fenotípicos e corpo.

Os mesmos autores destacam que o preconceito racial direcionado aos meninos está atrelado ao seu comportamento, nos relatos ouvidos é possível perceber eventos envolvendo agressões físicas, e verbais para com esses meninos, como xingamentos e comparações racistas. Também foi relatado pelos alunos alguns mecanismos de defesa como revidar os ataques, falar com um responsável, ou alguns casos se calarem. Diante do apresentado é importante ressaltar o trabalho com as interseccionalidades existentes, porque além do racismo ainda há uma lógica cis heteronormativa que norteia o pensamento da sociedade.

Durante a atividade com as crianças houve uma grande receptividade por parte delas, as técnicas utilizadas como elaboração de cartazes se mostrou eficientes e fomentaram a participação de todos. O maior desafio encontrado foi a existência de ideais raciais enraizados, no entanto considera-se que houve um avanço quanto a essa questão após a ação, proporcionando um ambiente no qual todos interagiram e foram acolhidos.

Diante dessas observações, o estudo reafirma que o racismo estrutural (Crenshaw, 2002) não é uma falha pontual do sistema, mas um componente intrínseco das relações sociais, sendo responsável por consolidar práticas de exclusão que impactam diretamente o bem-estar e a saúde mental das crianças negras. Esses resultados reforçam a urgência de intervenções pedagógicas e psicossociais que visem desconstruir o racismo estrutural no ambiente escolar e promover a saúde integral das crianças negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto teve como intuito a discussão sobre o racismo e bullying e seu impacto na saúde mental das crianças. Visto que a escola é um dos primeiros ambientes de socialização infantil, é importante que seja um ambiente de inclusão e respeito mútuo, no qual deve haver a fomentação de práticas integrativas para a diversidade de crianças que ocupam esse espaço.

No entanto, o que foi observado vai contra a essa premissa, no qual muita das vezes é reverberada preconceitos e estereótipos enraizados na sociedade, dentre eles o racismo estrutural. Foram observadas ações e ideias pautadas no racismo estrutural como segregações e atribuição de comportamentos considerados desviantes para crianças negras, além de relatos explícitos de bullying e preconceito racial contados pelas crianças. Diante disso, a escola tem a obrigação de não se omitir a situações como as expostas, promovendo um lugar de inclusão e acolhimento, reforçando ideais éticos, de respeito e igualdade. É possível perceber também o impacto que essas questões têm na saúde mental nas crianças, atingindo a autopercepção, formação de identidade e subjetividade das crianças.

Também foi possível observar aprendizados para o grupo que realizou a ação, como futuro profissional é necessário estar atento a comportamentos e expressões que podem revelar ideais preconceituosos, além de contribuir para a visibilidade de ações que incentivam o aprimoramento contínuo de abordagens psicoeducativas voltadas para questões sociais. A realização de atividade lúdica se mostrou muito eficiente, o que é ser um ponto positivo ao trabalhar com o público infantil.

Por fim, o trabalho se mostrou proveitoso por expor situações referentes à problemática, havendo uma devolutiva para a escola que a partir das conclusões podem trabalhar as questões encontradas, além de mostrar que a violência está enraizada nos ideais da sociedade e acabam reverberando em ambientes como o ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Cambridge, MA: Addison-Wesley, 1954.

CAMINO, L.; ISMAEL, M. L. A. Psicologia social do preconceito e do racismo. In: CAMINO, L. et al. (org.). **Psicologia Social: temas e teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 297-324.

CAPONI, S. **A medicalização da infância: a história das patologias infantis**. São Paulo: Fiocruz/Hucitec, 2018.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FIGUEIRA, S.; CALIMAN, L. V. A criança medicalizada: crítica às práticas psicomédicas na infância. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 421-439, 2014.

FOUCAULT, M. **Nascimento da clínica**. 7. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras**: uma coletânea com os principais textos de Lélia Gonzalez. São Paulo: Zahar, 1984. p. 223-237.

LIMA, A. L. L. A crítica da ideologia da democracia racial em Florestan Fernandes. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1720-1747, 2017.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, C. M.; RIBEIRO, L. A.; RABELO, J. L.; CUNHA, A. P. dos S.; ALMEIDA, J. R. J. de; SOARES, J. Impacto do racismo na saúde mental da criança negra: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 28768-28782, 2021.

SOUZA, D. P.; ROCHA, F. B.; NUNES, G. S. Formação em saúde e racismo estrutural: um debate necessário. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 1-9, 2024.